

ÍNDICE

Papa João Paulo II - 1 de fevereiro de 1997	3
Bento XVI - 3 de fevereiro de 2007	7
Bento XV - 3 de julho de 2012	11
Papa Francisco - 10 de maio de 2014	14

PAPA JOÃO PAULO II

1 de fevereiro de 1997

.....

Há já alguns anos, dirigindo-me aos participantes no segundo Congresso internacional dos Institutos Seculares, eu afirmava que eles se encontram «por assim dizer, no centro do conflito que agita e divide a alma moderna» (1980). Com esta expressão, eu quis retomar algumas considerações do meu venerado predecessor, Paulo VI, que falara dos Institutos Seculares como da resposta a uma profunda ansiedade: encontrar o caminho da síntese entre a plena consagração da vida, segundo os conselhos evangélicos, e a plena responsabilidade da presença e da acção transformadora dentro do mundo, para o plasmar, aperfeiçoar e santificar (cf. Paulo VI, 1972).

Efectivamente, por um lado, assistimos à rápida propagação de formas de religiosidade que propõem experiências fascinantes, nalguns casos inclusive empenhativas e exigentes. Porém, põe-se em evidência mais o nível emotivo e sensível da experiência do que o ascético e espiritual. Pode-se reconhecer que tais formas de religiosidade procuram corresponder a um sempre renovado anélito de comunhão com Deus, de busca da verdade última sobre Ele e sobre o destino da humanidade. E apresentam-se com o fascínio da novidade e do universalismo fácil. Contudo, estas experiências supõem uma concepção ambígua de Deus, que se afasta daquela que é oferecida pela Revelação. Além disso, resultam separadas da realidade e da história concreta da humanidade.

A esta religiosidade contrapõe-se uma falsa concepção da secularidade, segundo a qual Deus permanece alheio à

construção do futuro da humanidade. O relacionamento com Ele é considerado como uma opção particular e uma questão subjectiva que, em última instância, pode ser tolerado contanto que não pretenda incidir de alguma maneira sobre a cultura ou sobre a sociedade.

Portanto, como se há-de enfrentar este ingente desafio que trespassa a alma e o coração da humanidade contemporânea? Ele torna-se um desafio para o cristão: o desafio a ser factor de uma nova síntese entre o máximo grau possível de adesão a Deus e à Sua vontade e o máximo nível possível de participação nas alegrias e esperanças, nas angústias e sofrimentos do mundo, a fim de os orientar para o projecto de salvação integral, que Deus Pai nos manifestou em Cristo e continuamente põe à nossa disposição através da dádiva do Espírito Santo.

Os membros dos Institutos Seculares empenham-se precisamente nisto, manifestando a sua plena fidelidade à profissão dos conselhos evangélicos numa forma de vida secular, repleta de riscos e exigências com frequência imprevisíveis, mas rica de uma potencialidade específica e original.

Portadores humildes e orgulhosos da força transformadora do Reino de Deus e testemunhas corajosas e coerentes da tarefa e da missão de evangelização das culturas e dos povos, os membros dos Institutos Seculares constituem, na história, o sinal de uma Igreja amiga dos homens, capaz de oferecer consolação a todos os géneros de aflição, pronta a sustentar todo o verdadeiro progresso da convivência humana, mas ao mesmo tempo intransigente contra qualquer opção de morte, violência, falsidade e injustiça. Para os cristãos, eles são também um sinal e apelo à tarefa de se ocuparem, em nome de Deus, de uma criação que permanece objecto do amor e

da complacência do seu Criador, embora se caracterize pela contradição e pela rebelião do pecado, e tenha necessidade de ser libertada da corrupção e da morte.

Pode causar admiração se o ambiente com que eles deverão medirse se demonstrar frequentemente pouco disponível para compreender e aceitar o seu testemunho? A Igreja espera hoje por homens e mulheres que sejam capazes de um renovado testemunho do Evangelho e das suas exigências radicais, visto que se encontra na condição existencial da maioria das criaturas humanas. E também o mundo deseja, com frequência sem o saber, o encontro com a verdade do Evangelho para um verdadeiro e integral progresso da humanidade, segundo o desígnio de Deus.

Em tais condições, exige-se dos membros dos Institutos Seculares uma grande determinação e uma límpida adesão ao carisma típico da sua consagração: realizar a síntese de fé e vida, de Evangelho e história humana, de consagração integral à glória de Deus e de disponibilidade incondicional a servir a plenitude da vida dos irmãos e das irmãs neste mundo.

Os membros dos Institutos Seculares encontram-se, por vocação e missão, no ponto de encruzilhada entre a iniciativa de Deus e a expectativa das criaturas: a iniciativa de Deus, que eles levam ao mundo através do amor e da íntima união a Cristo; a expectativa das criaturas, que compartilham a condição quotidiana e secular dos seus semelhantes, assumindo as contradições e as esperanças de cada ser humano, sobretudo dos mais frágeis e sofredores.

De qualquer forma, aos Institutos Seculares é confiada a responsabilidade de exortar todos a esta missão, atestando-a com uma especial consagração, na radicalidade dos

conselhos evangélicos, a fim de que toda a comunidade cristã desempenhe, com dedicação cada vez maior, a tarefa que Deus lhe confiou em Cristo, com o dom do seu Espírito (Vita consecrata, 17-22).

O mundo contemporâneo parece particularmente sensível ao testemunho de quem sabe assumir com coragem o risco e a responsabilidade do discernimento epocal e do projecto de edificação de uma humanidade nova e mais justa. O nosso é um tempo de grandes transformações culturais e sociais. Por este motivo, parece cada vez mais clarividente que a missão do cristão no mundo não pode ser reduzida a um puro e simples exemplo de honestidade, competência e fidelidade ao dever. Tudo isto deve ser pressuposto. Trata-se de revestir-se com os mesmos sentimentos de Cristo Jesus, para ser no mundo sinal do seu amor. Este é o sentido e a finalidade da autêntica secularidade cristã e, por conseguinte, o objectivo e o valor da consagração cristã vivida pelos Institutos Seculares.

Nesta linha, é mais do que nunca importante que os membros dos Institutos Seculares vivam intensamente a comunhão fraterna, tanto no interior do próprio Instituto quanto com os membros dos vários Institutos. Precisamente porque se encontram dispersos como o fermento e o sal no meio do mundo, deveriam considerar-se testemunhas privilegiadas do valor da fraternidade e amizade cristãs, hoje tão necessárias, sobretudo nas grandes áreas urbanizadas que já congregam a maioria da população mundial. Faço votos por que cada Instituto Secular se torne esta palestra de amor fraterno, este fogo aceso em que muitos homens e mulheres possam haurir luz e calor para a vida do mundo.

BENTO XVI

3 de fevereiro de 2007

.....

Dessa maneira, o caminho da vossa santificação é delineado com clareza: a adesão oblativa ao desígnio salvífico manifestado na Palavra revelada, a solidariedade com a história, a busca da vontade do Senhor inscrita nas vicissitudes humanas governadas pela sua providência. E, ao mesmo tempo, reconhecem-se as características da missão secular: o testemunho das virtudes humanas, como “a justiça, a paz, a alegria” (Rm 14, 17), o “comportamento exemplar” do qual fala Pedro na sua Primeira Carta (cf. 2, 12) fazendo ressoar a palavra do Mestre: “Assim brilhe a vossa luz diante dos homens, de modo que, vendo as vossas boas obras, glorifiquem o vosso Pai, que está no Céu” (Mt 5, 16). Faz parte também da missão secular o compromisso pela construção de uma sociedade que reconheça nos vários âmbitos a dignidade da pessoa e os valores irrenunciáveis para a sua plena realização: da política à economia, da educação ao empenho pela saúde pública, da administração dos serviços à pesquisa científica.

Cada realidade própria e específica vivida pelo cristão, o seu trabalho e os seus interesses concretos, mesmo conservando a sua relativa consistência, encontram o seu fim último no estar envolvidos pela mesma finalidade com a qual o Filho de Deus veio ao mundo. Portanto, vos sentis chamados a agir em virtude de cada dor, injustiça, assim como de cada busca de verdade, de beleza e de bondade, não porque tendes a solução para todos os problemas, mas porque cada circunstância em que o homem vive e morre constitui para vós a ocasião de testemunhar a obra salvífica de Deus. Esta é a vossa missão.

A vossa consagração evidencia, por um lado, a particular graça que vos vem do Espírito para a realização da vocação, por outro, empenha-vos a uma total docilidade de mente, de coração e de vontade ao projecto de Deus Pai revelado em Cristo Jesus, para cuja sequela radical fostes chamados.

Cada encontro com Cristo requer uma mudança profunda de mentalidade, mas para alguns, como aconteceu convosco, a chamada do Senhor é particularmente exigente: deixar tudo, porque Deus é tudo e será tudo na vossa vida. Não se trata simplesmente de um modo diferente de relacionar-vos com Cristo e de exprimir a vossa adesão a Ele, mas de uma escolha de Deus que, de modo estável, exige de vós uma confiança absolutamente total n’Ele. Conformar a própria vida com a de Cristo entrando nestas palavras, conformar a própria vida com a de Cristo através da prática dos conselhos evangélicos é uma nota fundamental e vinculante que, na sua especificidade, exige empenhos e gestos concretos, de “alpinistas do espírito”, como vos quis chamar o venerado Papa Paulo VI (1970).

O carácter secular da vossa consagração evidencia, por um lado, os meios que utilizais para a realizar, isto é, aqueles próprios de cada homem e mulher que vive em condições comuns no mundo, e por outro, a forma do seu desenvolvimento, ou seja, de uma relação profunda com os sinais dos tempos que sois chamados a discernir, pessoal e comunitariamente, à luz do Evangelho. Muitas vezes, com competência, foi delineado o vosso carisma exactamente neste discernimento, para que possais ser laboratório de diálogo com o mundo, aquele “laboratório experimental no qual a Igreja verifica as modalidades concretas das suas relações com o mundo” (Paulo VI, 1976).

Precisamente disto deriva a persistente actualidade do vosso carisma, porque este discernimento deve ser feito não a partir de fora da realidade, mas do seu interior, através de um envolvimento completo. Isto acontece por meio das relações quotidianas que podeis tecer nos relacionamentos familiares e sociais, na actividade profissional, no tecido das comunidades civil e eclesial. O encontro com Cristo, o pôr-se no seu seguimento abre de par em par e impele ao encontro com todos, porque se Deus se realiza somente na comunhão, também o homem só na comunhão trinitária encontrará a sua plenitude.

Não vos é pedido que instituais particulares formas de vida, de empenho apostólico, de intervenções sociais, excepto o que pode nascer nas relações pessoais, fontes de riqueza profética. Como o fermento que faz crescer toda a farinha (cf. Mt 13, 33), assim seja a vossa vida, às vezes silenciosa e escondida, mas sempre decidida e encorajadora, capaz de gerar esperança. O lugar do vosso apostolado é, portanto, todo o humano, não só dentro da comunidade cristã onde a relação se sustenta na escuta da Palavra e na vida sacramental, na qual vos apoiais para manter a identidade baptismal repito, o lugar do vosso apostolado é todo humano, tanto dentro da comunidade cristã como na comunidade civil onde a relação se actua na busca do bem comum, no diálogo com todos, chamados a testemunhar aquela antropologia cristã que constitui proposta de sentido numa sociedade desorientada e confusa pelo clima multicultural e multirreligioso que a caracteriza.

Vindes de diversos países, diversas são as situações culturais, políticas e também religiosas nas quais viveis, trabalhai, envelheceis. Em todas elas sois pesquisadores da Verdade, da humana revelação de Deus na vida. Sabemos que

a estrada é longa, cujo presente é apreensivo, mas o êxito está garantido. Anunciai a beleza de Deus e da sua criação. No exemplo de Cristo, sede obedientes ao amor, homens e mulheres de mansidão e misericórdia, capazes de percorrer as estradas do mundo, fazendo somente o bem. As vossas sejam vidas que coloquem no centro as Beatitudes, contradizendo a lógica humana, para exprimir uma incondicionada confiança em Deus que quer o homem feliz. A Igreja tem necessidade também de vós para dar cumprimento à sua missão. Sede semente de santidade lançada em abundância nos sulcos da história. Radicados na acção gratuita e eficaz com que o Espírito do Senhor está a guiar as vicissitudes humanas, possais dar frutos de fé genuína, escrevendo com a vossa vida e com o vosso testemunho parábolas de esperança, escrevendo-as com as obras sugeridas pela “fantasia da caridade” (João Paulo II, Novo millennio ineunte, 50).

BENTO XVI

3 de julho de 2012

.....

Inseridos na humanidade a caminho, inspirados pelo Espírito Santo, podereis reconhecer os sinais discretos e, por vezes, escondidos, que revelam a presença de Deus. Somente através da força da graça, que é Dom do Espírito, podereis avistar, nos caminhos muitas vezes tortuosos dos acontecimentos humanos, a orientação para a plenitude da vida em abundância. Um dinamismo que representa, além da aparência, no verdadeiro sentido da história, os desígnios de Deus. A vossa vocação é a de estar no mundo, assumindo todos os cargos, com um olhar humano que coincida sempre com o divino, de onde brota um compromisso original, peculiar, fundamentado na consciência de que Deus escreve sua história de salvação na trama dos acontecimentos de nossa história.

Neste sentido, a vossa identidade reflete também um aspecto de vossa missão na Igreja: ajudá-la a realizar sua presença no mundo, à luz das palavras do Concílio Vaticano II: “Nenhuma ambição terrena empurra a Igreja; ela somente busca isto: continuar, sob a luz do Espírito Consolador, a mesma obra de Cristo, que veio ao mundo para dar testemunho da verdade, salvar, não condenar, servir, não ser servido (Gaudium et Spes, 3). A teologia da história é parte essencial da nova evangelização, porque os homens de nosso tempo têm necessidade de reencontrar um olhar global sobre o mundo e sobre o tempo, um olhar verdadeiramente livre e pacífico (cfr. Bento XVI, Homília, 16 de outubro de 2011). O mesmo Concílio nos recorda que a relação entre a Igreja e o mundo

há de ser vivida como sinal de reciprocidade, evidenciando que não é só a Igreja se doando ao mundo, contribuindo para fazer mais humana a família dos homens e suas histórias; mas também o mundo se doando à Igreja, de modo tal que ela possa compreendê-lo melhor e viver melhor sua missão (cfr. *Gaudium ed Spes*, 40-45).

Em primeiro lugar, a doação total de vossas vidas como resposta a um encontro pessoal e vital com o amor de Deus. Vós descobristes que Deus é tudo em vossas vidas, decidistes dar tudo a Deus, fazendo-o de modo peculiar: permanecendo leigos entre os leigos, presbíteros entre os presbíteros. Isso exige particular vigilância, porque vossos estilos de vida manifestem a riqueza, a beleza e a radicalidade dos conselhos evangélicos.

Em segundo lugar, a vida espiritual. Ponto firme e irrenunciável, referência segura para nutrir aquele desejo de fazer-se unidade em Cristo, que é força da existência total de todo cristão, sobretudo de quem respondeu a um chamado radical de doação de si. A medida da profundidade da vossa vida espiritual não são as muitas atividades que exigem vossos esforços, mas sim a capacidade de buscar a Deus no coração, mesmo em cada acontecimento, e de reconduzir para Cristo. É o “reunir” em Cristo todas as coisas, como fala São Paulo (cfr. Ef 1,10). Somente em Cristo, Senhor da história, toda a história e todas as histórias encontram sentido e unidade.

Na oração bem como na escuta da Palavra de Deus se alimenta este anseio. Na celebração Eucarística encontrastes a razão de vos fazer pão de Amor repartido para os homens. Na contemplação, no olhar de fé iluminado pela graça, enraíza-se o compromisso de compartilhar com cada homem e com cada mulher as inquietações profundas que neles habitam, para construir esperança e confiança.

Em terceiro lugar, a formação, que não negligencia nenhuma idade estabelecida, porque se trata de viver a própria vida em plenitude, educando-se na sapiência sempre consciente da criatura humana e da grandeza do Criador. Buscai conteúdos e modalidades de uma formação que vos faça leigos e presbíteros capazes de vos interrogar pelas complexidades que o mundo de hoje atravessa e, ainda, capazes de permanecer abertos às inquietações provenientes das relações com os irmãos que encontrais em vossos caminhos, de vos comprometer em discernimento da história e da luz da Palavra de Vida. Sede disponíveis para construir, com todos os que buscam a verdade, projetos de bem comum, sem soluções preconcebidas e sem medo das perguntas que ficam sem respostas, e sempre prestes a colocar em risco a própria vida, com a certeza que o grão de trigo, quando cai na terra, dá muito fruto (cfr. Gv 12,24). Sede criativos, porque o Espírito constrói novidades; alimentai olhares capazes de futuro e raízes sólidas em Cristo Senhor, para poder comunicar também ao nosso tempo a experiência do amor que está na base da vida de todo homem. Abraçai caritativamente as feridas do mundo e da Igreja. Acima de tudo, vivei uma vida coerente e plena, acolhedora e capaz de perdoar, por estar fundada em Jesus Cristo, Palavra definitiva de Amor de Deus pelo homem.

PAPA FRANCISCO

10 de maio de 2014

.....

A vossa vocação faz com que estejais interessados em cada homem e nas suas instâncias mais profundas, que muitas vezes não são expressas ou são mascaradas. Em virtude do amor de Deus que encontrastes e conhecestes, sois capazes de proximidade e ternura. Assim podeis estar tão próximos que tocais do alto as suas feridas e expectativas, as suas perguntas e as suas necessidades, com aquela ternura que é expressão de uma cura que elimina qualquer distância. Como o Samaritano que passou adiante e viu e sentiu compaixão. Está aqui o movimento no qual a vossa vocação vos compromete: passar ao lado de cada homem e tornar-vos o próximo de cada pessoa que encontrais; porque o vosso permanecer no mundo não é simplesmente uma condição sociológica, mas é uma realidade teologal que vos chama a um estar consciente, atento, que sabe entrever, ver e tocar a carne do irmão.

Nunca percais o impulso de caminhar pelas vias do mundo, a consciência de que caminhar, ir até com passo incerto e coxeando, é sempre melhor do que estar parados, fechados nas próprias perguntas ou certezas. A paixão missionária, a alegria do encontro com Cristo que vos estimula a partilhar com os outros a beleza da fé, afasta o risco de permanecer bloqueados no individualismo. O pensamento que o homem propõe como artífice de si mesmo, guiado apenas pelas próprias escolhas e desejos, muitas vezes revestidos com o hábito aparentemente belo da liberdade e do respeito, corre o risco de minar os fundamentos da vida consagrada, sobretudo

da secular. É urgente reavaliar o sentido de pertença à vossa comunidade vocacional que, precisamente porque não se funda numa vida comum, encontra os seus pontos de força no carisma.

Por isso, se cada um de vós é para os outros uma possibilidade preciosa de encontro com Deus, trata-se de redescobrir a responsabilidade de ser profecia como comunidade, de procurar juntos, com humildade e com paciência, uma palavra de sentido que pode ser um dom para o país e para a Igreja, e dela dar testemunho com simplicidade. Vós sois como antenas prontas a colher os germes de novidade suscitados pelo Espírito Santo, e podeis ajudar a comunidade eclesial a assumir este olhar de bem e encontrar caminhos novos e corajosos para alcançar todos.

Pobres entre os pobres, mas com o coração ardente. Nunca parados, sempre a caminho. Juntos e enviados, também quando estais sós, porque a consagração faz de vós uma centelha viva de Igreja. Sempre a caminho com aquela virtude que é uma virtude peregrina: a alegria!

CMIS - Conferenza Mondiale Istituti Secolari
Roma, 21-25 Agosto 2016